

OPINIÃO



Economia Real

Luís Todo Bom

A MUDANÇA DO VENTO

Aproxima-se o período dos incêndios. O grande terror dos bombeiros reside nas mudanças do vento. Que alteram, repentinamente, os processos e a organização do combate ao fogo. E que são, normalmente, imprevisíveis.

Só há um modo de defesa das mudanças do vento. Com ações estruturais preventivas nas matas, antes do início dos incêndios.

Contemplando o ordenamento da floresta, o *mix* de espécies arbóreas e sua distribuição, vigias estrategicamente colocadas, limpeza das matas, acessos, logística, segurança e telecomunicações.

Estamos tranquilos em relação ao próximo período de incêndios? Não. Rezamos para que tudo corra bem. Porque as ações estruturais se limitaram a uma muito discutível limpeza das matas.

Situação semelhante ocorre com a economia nacional. Começam a surgir ventos de mudança na conjuntura favorável de que o país tem beneficiado nos últimos dois anos.

A subida do preço do petróleo e das taxas de juro, a estagnação de alguns dos nossos mercados de exportação, o ressurgimento dos destinos turísticos do Norte de África, o 'Brexit', a nova política comercial americana, as crises de Itália e de Espanha...

Estamos tranquilos em relação ao futuro da nossa economia? Não. Rezamos para que o país possa continuar a crescer.

Do mesmo modo, não realizamos as ações estruturais que nos permitiriam encarar com tranquilidade as alterações conjunturais. Em vez de construirmos um quadro laboral amigo do investimento, incrementando a flexibilidade nas relações laborais, introduzimos elemen-

Se o vento mudar, como não nos preparamos, o nosso nível de vida vai-se degradar

tos de rigidez que prejudicam a nossa competitividade. Não construímos nenhum programa estruturado e sustentado de criação de emprego jovem qualificado.

Os nossos programas de doutoramento continuam a não privilegiar as áreas científicas e tecnológicas. Os nossos doutorados nas áreas tecnológicas continuam fora das empresas, com reduzida utilidade económica. A nossa capacidade de atração de investimento estrangeiro produtivo continua incipiente. A nossa fiscalidade continua desajustada à nossa dimensão económica.

A despesa corrente do Estado, de enorme rigidez e irracionalidade, impede a afetação de recursos para o investimento público.

A modernização das nossas infraestruturas portuárias, aéreas e ferroviárias, continua adiada.

Vamos vagando ao sabor do vento. Se o vento mudar, na sequência dos indicadores atuais, como não nos preparamos, o nosso nível de vida vai-se degradar.

Podemos, sempre, continuar a rezar!

Gestor de empresas